

12/05/2022 10:15:02 - AE NEWS

ARTIGO/MARCELO KFOURY MUINHOS: PROJEÇÕES DA AVALIAÇÃO PRESIDENCIAL



Em períodos anteriores à eleição, o que mais representa as chances de reeleição do incumbente são as pesquisas de avaliação do governo. Há evidências empíricas sólidas, que mostram que quando a avaliação está acima de certo porcentual, há grandes chances de eleição. Neste artigo, apresento um modelo que projeta o porcentual de bom e ótimo do atual presidente e tenta verificar as suas chances de reeleição. Faço dois cenários das variáveis exógenas, um mais positivo e outro mais provável para avaliar quais as chances de se ultrapassar o piso que tornaria o incumbente favorito.

O Eurasia Group tem explicitado para os seus clientes que se o presidente atingir 40% de aprovação positiva, as suas chances de reeleição são acima de 50% numa avaliação binária. Essa pesquisa é para mais de 200 casos de reeleição em todo o mundo. Atualmente o presidente está num nível próximo a 35% nessa escala o que o torna competitivo, mas não favorito para ganhar a eleição. (ver **Eurasia no Broadcast: Inflação será o calcanhar de Aquiles de Bolsonaro nas eleições**, 11/4/2022)

O modelo que fiz não é baseado na aprovação binária, mas em uma escala com cinco opções, (bom/ótimo, regular, ruim/péssimo), que na prática são 3 as opções. Optei por essa escala com 3 opções, pois tenho dados desde 1996 para todos os presidentes no período em termos de bom/ótimo, regular e ruim/péssimo. Em termos práticos, o patamar de 35% de bom e ótimo, pode ser comparado com o patamar de 40% na escala binária. Portanto nas minhas simulações se o atual presidente chegar a 35% nas vésperas na eleição ele poderia ser considerado favorito.

Há vários desafios nesse tipo de modelagem. Uma grande dificuldade é projetar as variáveis exógenas do modelo para um período além do fim da amostra. Uma segunda dificuldade é garantir que essas variáveis sejam realmente exógenas, ou seja não são afetadas pelas decisões do governo. No primeiro problema, contornamos fazendo diferentes cenários daquelas variáveis, que são mais voláteis. O segundo problema é mais complicado e é objetivo de uma pesquisa mais profunda, que estamos fazendo na FGV-EESP.

Na verdade, a variável endógena é a variação da avaliação popular do chefe do executivo, pois em nível, temos evidência de raiz unitária, que geraria instabilidade nas projeções. O modelo é estimado mensalmente de 03/97 a 04/22, com 302 observações e 28 regressores. São quatro as principais variáveis econômicas, que determinam a avaliação dos presidentes: preços dos alimentos, termos de troca, hiato do desemprego e taxa de juros real dos Estados Unidos. Todas as variáveis foram estatisticamente significativas e com sinal esperado. Foi necessário colocar uma série de dummies (anular as series de tempo com erro muito alto), principalmente para períodos de troca no executivo federal. Outros períodos mais conturbados com altos erros, como racionamento de energia de 2001, protestos de 2013, greve dos caminhoneiros, impeachment e alguns momentos da pandemia, também foram excluídos.

Em relação às variáveis domésticas, a variável de preço dos alimentos na verdade é a diferença do acumulado

13/Mai/2022 07:58

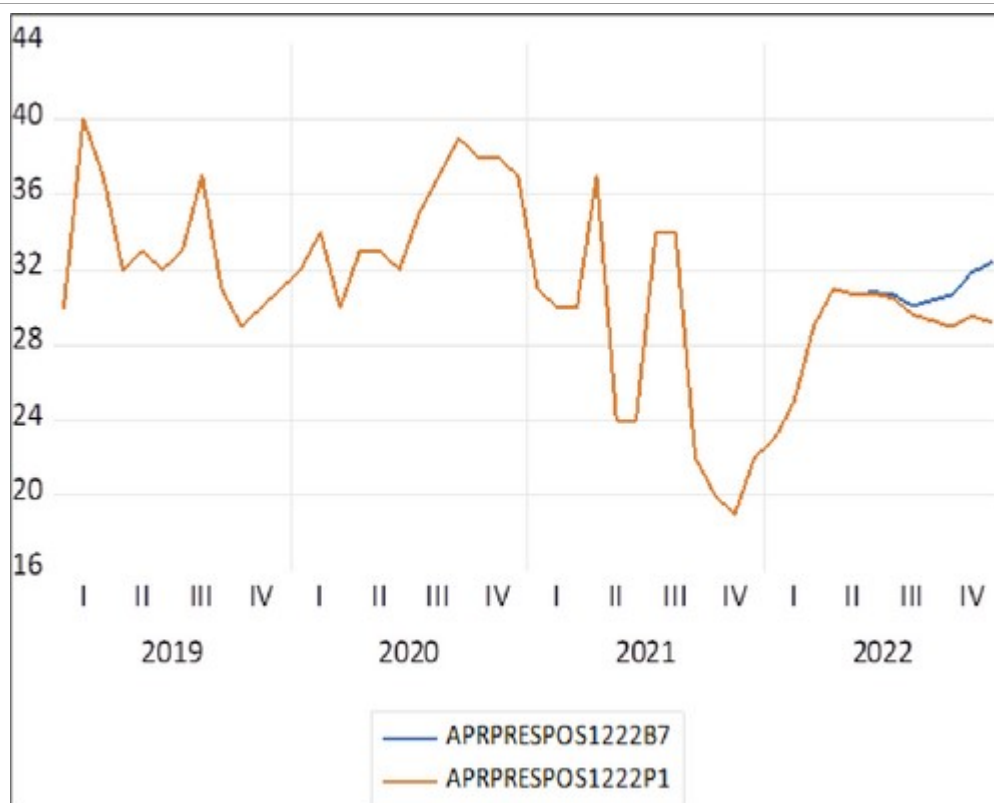
de doze meses da inflação de alimentos no domicílio em relação a inflação cheia e entra no modelo com defasagem de 3 meses com sinal negativo, conforme esperado. A inflação alta é letal para os presidentes e principalmente a inflação de alimentos, que são os preços, que mais afetam a expectativa de inflação dos consumidores e o poder de compra dos salários. Essa variável pode ser considerada de certa forma exógena à política econômica, pois depende mais de variáveis climáticas e de outras idiosincrasias no Brasil e no resto do mundo do que de ações do governo federal. Já a variável do hiato do desemprego pode ser mais afetada por ações do governo, mas é significativa e entrou no modelo com defasagem de dois meses. Com relação à defasagem, diminui-se a chance de as ações do governo terem efeitos retroativos na variação do desemprego em relação à média histórica. O sinal dessa variável é positiva e mostra que, sempre que a sensação de segurança no emprego cresce, também aumenta a aprovação do presidente.

As outras duas variáveis dependem da situação internacional e são menos problemáticas em relação à endogeneidade. Os preços de troca são muito correlacionados com os preços das commodities, pois os preços das exportações dependem mais dos preços internacionais e menos das condições locais. Eles entram em primeira diferença contemporaneamente e são publicados pelo IPEA.

Já a taxa de juros dos Estados Unidos não guarda nenhuma correlação com as ações do executivo brasileiro. Essa variável entra na primeira diferença com 3 meses de defasagem e apresenta sinal negativo. Na verdade, essas variáveis são importantes, pois afetam o câmbio real. Quando os juros americanos estão diminuindo e o preço das commodities subindo, há apreciação do câmbio real, o que aumenta o poder de compra dos salários e consequentemente a popularidade do presidente.

Os dois cenários só diferem nas variáveis domésticas, que temos mais sensibilidade para buscarmos trajetórias críveis. No primeiro cenário, coloco os preços dos alimentos e do hiato do produto, que meus modelos estão sugerindo. A inflação dos alimentos no domicílio fecha o ano em 15,2%, enquanto o IPCA chega a 8,7%, ficando a diferença em 6,5p.p. O hiato do desemprego se mantém em 1,5% negativo. No segundo cenário, faço com que os preços dos produtos alimentos fique abaixo do IPCA e um hiato do emprego correspondendo a uma taxa de desemprego abaixo de 10% no final do ano.

PROJEÇÕES DE APROVAÇÃO DO PRESIDENTE



O modelo apresenta uma inércia bem alta com a aprovação mudando pouco de um mês para outro, mas muito dependente do valor inicial. No cenário com alimentos altos e hiato do emprego negativo, a projeção da aprovação presidencial é de 29% bom e ótimo em outubro. Já no cenário com queda dos alimentos e no desemprego, a aprovação sobe para cerca de 32% em novembro.

Porém há alguns fatos estilizados para devem ser considerados além das variáveis econômicas: (i) no período eleitoral com a propaganda gratuita, os presidentes, que buscam reeleição, melhoram a avaliação. (FHC de 31% para 43% de junho a setembro de 1998, Lula de 38% para 51% de junho a outubro de 2006 e Dilma de 33% para 40% de junho até outubro de 2014). (ii) A média da avaliação do atual presidente é de 30% durante o seu mandato e houve um retorno à média mais recentemente. (iii) Nos últimos meses, houve uma melhora da avaliação do presidente, que passou de um mínimo de cerca de 20% em novembro do ano passado para cerca de 29% em abril de 2022, segundo a Datafolha.

A ver o que vai prevalecer: o modelo com o cenário econômico menos favorável ou a tendência positiva recente da avaliação do atual presidente, além da melhora nos números verificada em campanhas anteriores. Se a avaliação for maior de que 35% de bom e ótimo, o atual presidente se torna mais competitivo. Porém, o cenário mais provável para as variáveis econômicas do modelo não parece que irão permitir o incumbente a ultrapassar esse limiar. De qualquer maneira, a eleição está indo na direção de ser plebiscitária com apenas dois candidatos, polarizando as opiniões e as mentes. Portanto o eleitor precisa responder a duas perguntas: (i) o atual presidente merece continuar? (ii) o ex-presidente merece voltar?

Marcelo Kfoury Muinhos é professor da FGV-EESP e consultor econômico. Foi economista-chefe do Citi-Brasil e chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Central.

*Os artigos publicados no **Broadcast** expressam as opiniões e visões de seus autores.*